

Escolhida entre as vencedoras, Eliane Brum recebe troféu e homenagem na 12ª edição do Troféu Mulher Imprensa

por Fernanda Andrade

“Cada vez que uma matéria ou artigo da imprensa se assemelha a uma denúncia de Facebook, o jornalismo desce um degrau a mais, rumo a irrelevância. E o jornalismo é importante demais para ser irrelevante”, assim afirma Eliane Brum em seu discurso, ao receber prêmio e homenagem, na 12ª edição do Troféu Mulher Imprensa.

Ganhadora das categorias Jornalista Independente e Repórter de Jornal (por sua coluna no *Jornal El País*), nesta edição (2017), Eliane demonstrou-se muito grata em seu discurso, que foi o primeiro dentre as ganhadoras, pela trajetória construída como jornalista ao longo de quase 30 anos, pela liberdade que o El País lhe dá desde 2013, pelas mulheres que ali estavam e por jornalistas que não desistem da apuração dos fatos de forma completa.

[OLHO]

“Uma matéria não pode ser confundida com uma postagem em redes sociais”.

No palco da Sala Paschoal Carlos Magno, no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, a autora de livros como *O Olho da Rua* – citado como o primeiro livro jornalístico lido pela também premiada Elisa Veeck (TV Vanguarda) – e *A Vida que Ninguém Vê* – com o qual ganhou o prêmio Jabuti em 2007 – ainda citou emocionada o caso de Rafael Braga, único preso das manifestações de junho de 2013, por carregar uma garrafa de Pinho Sol em sua mochila, e que no mês passado foi símbolo da luta pela visibilidade daqueles que sofrem com injustiças sociais e não tem espaço na mídia.

Em entrevista prévia à cerimônia de entrega dos prêmios, ao ser questionada sobre o que mudou após o reconhecimento de seu trabalho, não apenas de forma regional, como ocorria quando ela escrevia para o Zero Hora, para o reconhecimento nacional, Brum afirmou que seu jeito de fazer jornalismo mantém-se o mesmo: a jornalista continua checando informações de forma minuciosa, segue respeitando as pessoas e as palavras, persiste na escuta do contraditório. A diferença que Brum destaca é o crescimento do alcance de suas reportagens, com apoio da internet, mas mesmo assim reitera que *“uma matéria não pode ser confundida com uma postagem em redes sociais”*.

[FOTO]



Fotos: Edwaldo Costa e Heron Marques

Ao ser questionada sobre seu sentimento acerca do prêmio e das várias áreas do jornalismo nas quais atua, a jornalista afirmou que é *“apaixonada pela reportagem! Não é só o que eu faço, ela é também o que eu sou. Nesses últimos 30 anos como repórter eu me sinto habitada pelas pessoas que eu entrevistei e elas tecem minha vida”*.

Em meio ao que retrata como ***“uma crise política, estética e de identidade”***, Brum ainda assim diz sentir orgulho de seu país, porém, reconhece que não é fácil ser uma jornalista mulher, em meio a pensamentos, atitudes e ambientes machistas. *“É importante dizer que as (jornalistas) mulheres negras sofrem muito mais discriminação. Eu trabalhei por mais de 20 anos em redação e eu tive nesses anos uma colega negra apenas. Não é só discriminação de gênero, é também muito racismo”*, completa Eliane, que reforça, mais uma vez, que o Brasil e a imprensa só mudarão para melhor quando houverem mais mulheres negras e transexuais nas redações.

Ao final de seu discurso, Eliane parafraseou atriz e MC paulistana, **Roberta Estrela D'alva**: *“Se a paz não for para todos, ela não será para ninguém”*.